

PORTFÓLIO NA EDUCAÇÃO

Ana Maria Sá de Carvalho¹

Escrever deve ser relevante para a vida(...) Escrever deveria ser significativo para as crianças(...) uma necessidade intrínseca deveria emergir nelas, e(...) o ato de escrever deveria estar incorporado a uma tarefa que se mostrasse necessária e relevante para a vida. Apenas assim podemos estar certos de que ela se desenvolverá não como uma questão de hábitos manuais, mas como uma forma de discurso realmente nova e complexa.

Vygotsky

Resumo

Apresenta o portfólio como um novo elemento para o desenvolvimento da leitura e da escrita na educação brasileira. Relata algumas experiências com a utilização de portfólio, faz uma reflexão sobre os objetivos educacionais do mesmo, fundamentando sua prática sociointeracionista.

Palavras Chave: portfólio; leitura; escrita

Abstract

The Paper presents the portfolio as a new element for the development of the reading and writing in the Brazilian education. It presents some experiences with the portfolios usage and also makes a reflection on the educational objectives by basing its in social-interaction practice.

Key words: portfolio; reading; writing.

1- INTRODUÇÃO

A metáfora do vulcão em erupção presta-se à compreensão do contexto social e educacional da atualidade.

Novas tecnologias, ao lado de recentes descobertas científicas, são-nos jogadas a cada minuto, resultando em corridas e tropeços, ou seja, no salve-se quem puder. No meio desse caos, está a fertilidade depositada pelas lavas incandescentes que acenam para as riquezas inertes, aguardando serem exploradas em busca de novos instrumentos, idéias, meios, que contribuam para a demarcação de territórios sociais mais condescendentes com seus sujeitos sociais.

Nessa enxurrada incandescente de *fogo teimoso*, escolhemos a linguagem com todo seu poder de sedução para inseri-la na vida dos indivíduos sob *a forma de discurso, realmente nova e complexa*. Seleccionamos a escola para desenvolvê-la nas suas manifestações oral e escrita, através das quais o aluno-leitor se constitui sujeito de sua história e, portanto, cidadão do mundo, capaz de gerir o caos que se apresenta e transformá-lo em benefício próprio e de seu contexto social.

Embora a Educação se encontre no epicentro das transformações, as avaliações no Brasil têm apontado um resultado não satisfatório. O Sistema de Avaliação da Educação Básica (SAEB 99) atribuiu média de 170,73 pontos para a 4ª série de Português. Esta média corresponde ao primeiro nível (150-200 pontos) da escala de desempenho, a qual varia de 150 a 450 pontos. Apesar de o nível ter se mantido estável, comparado ao SAEB-97, a média geral decresceu, já que era 186,5. Até o estado de Minas Gerais que se achava em um nível acima, voltou para o primeiro nível em 1999. Em nossa opinião a LDB/96 e os Parâmetros Curriculares, entre outras providências, ainda não foram suficientes para reverter a qualidade da Educação no País no que diz respeito ao ensino de Língua Portuguesa. Isto nos impõe a abordar uma outra maneira de trabalhar com a linguagem, de modo a contribuir para a qualidade do seu ensino-aprendizagem.

¹ Professora do Departamento de Ciências da Informação da Universidade Federal do Ceará. Especialista em Teorias da Comunicação e da Imagem. Mestre em Biblioteconomia. Doutora em Educação.

A forma de trabalhar que estamos propondo se apóia no pensamento bakhtiniano, segundo o que a fala não é fruto somente do empenho individual, mas do contexto sócio-histórico, significando dizer que a leitura e a escrita são, portanto, um processo de fruição humana que, apreendida socialmente, expressa sentimentos, realizações, anseios que dão significado à existência do homem. Ler e escrever são, portanto, expressões da vida interior que precisam de espaço para sua exteriorização. Considerando a escola o espaço adequado para o desenvolvimento dessas habilidades, encontramos no portfólio o instrumento, por excelência, para viabilizar a expressão das experiências docentes e discentes vividas no cotidiano. Fazer algumas considerações sobre o portfólio, portanto, visando demonstrar a importância de sua utilização para a melhoria da leitura/escrita na escola, fazem-se necessárias.

2- EXPERIÊNCIAS COM PORTFÓLIO

No segundo semestre de 1995, ao entrevistarmos os bibliotecários das escolas de New Hampshire, nos Estados Unidos, tomamos conhecimento do portfólio como ferramenta utilizada lá para o desenvolvimento da leitura e da escrita. Nessa mesma época participávamos como aluna da disciplina "Introduction to Reading Instruction in the Elementary School"² ofertada pelo Departamento de Educação da University of New Hampshire. Essa disciplina, ministrada por Jane Hansen, professora-doutora dedicada aos estudos da utilização de portfólios nas escolas americanas, forneceu-nos subsídios, ao mesmo tempo em que experienciávamos a utilização dessa importante ferramenta de aprendizagem.

Para a segunda aula dessa disciplina, todos os alunos deveriam levar três textos, que a professora chamava de portfólio, sobre três diferentes acontecimentos de suas vidas. Dois dos textos escritos deveriam ser relatados, mas, um deles, previamente xerografado, seria compartilhado com os colegas, e lido em voz alta. O tema sugerido para a aula seguinte foi educação, depois leitura, e assim por diante. Assim, nós, alunos, escrevíamos, líamos, refletíamos, conversávamos e nos envolvíamos emocionalmente com os colegas, enquanto compartilhávamos nossas histórias de vida.

Algumas vezes a professora escrevia para toda classe, outras vezes para cada aluno individualmente. Ela recomendou desde a primeira aula que escrevêssemos diariamente e que procurássemos fazer uma reflexão mais profunda sobre nossas práticas leitoras e desenvolvêssemos a criatividade para elaborar o portfólio, ou seja, o álbum ou outro espaço qualquer onde deveríamos arquivar as folhas escritas e artefatos que fossem significativos para nós.

No segundo semestre de 1997, não mais na condição de aluna, mas sim de facilitadora, participamos das oficinas

de leitura, no interior do Ceará, promovidas pela Secretária da Educação Básica do Estado do Ceará-SEDUC, direcionadas a professores regentes dos centros de multimeios de nove conselhos regionais de educação. Nossa tarefa específica foi trabalhar com concepções de leitura, não só com os professores, mas também com os coordenadores pedagógicos. Aproveitamos para implantar os portfólios. Uma das condições para participar das oficinas era que cada participante trouxesse três textos escritos para serem compartilhados: um, sobre um importante acontecimento da vida de cada um; outro, sobre uma experiência de leitura e um outro sobre um sonho. Para a ocasião, elaboramos um texto sobre portfólio e seus objetivos que foi discutido com os participantes. De acordo com as avaliações oral e escrita, o portfólio foi muito bem aceito principalmente porque a maioria já trabalhava nesse sentido, embora intuitivamente, e com a denominação de diário, diário de classe etc. Entretanto, depois que os professores tomaram conhecimento dos objetivos e da importância de sua utilização, acataram o termo portfólio em substituição a diário, e acreditamos que ele será utilizado, de agora em diante, com mais determinação e revestido de um maior significado pedagógico.

Atualmente, estamos trabalhando com portfólios na disciplina Teoria e Prática da Leitura, do Departamento de Ciências da Informação, da Universidade Federal do Ceará - UFC. Os depoimentos são os mais incentivadores possíveis. Os alunos relatam seus processos de elaboração do portfólio. Geralmente, abordam a resistência inicial à reflexão, à escritura, às dificuldades, e à surpresa de se descobrirem sujeitos gestores de si mesmos, escritores, poetas etc. No dia da apresentação dos portfólios as emoções afloram e com elas o propósito de continuarem suas leituras e reflexões, utilizando-se desse importante instrumento de significação das diversas leituras, ao longo de suas vidas.

A experiência empírica com portfólios na nossa prática educacional aponta-nos a influência afetiva a qual dispensa modelos rígidos, já que permite a multiplicidade de conteúdos e opções variadas de seleção, cabendo ao aluno, no caso, agente produtor do texto, a responsabilidade de construir respostas significativas, em vez de reproduzi-las. Aqui há uma nova forma da relação professor/aluno, deslocando-se para este a responsabilidade pela construção do seu conhecimento, portanto não cabe mais ao professor oferecê-lo já pronto. A ação educativa que se utiliza do portfólio possibilita um envolvimento maior do aluno com a sua aprendizagem e a dos colegas, através de um processo dialógico entre professor e aluno e alunos entre si. Em virtude disto, professores, estudiosos do tema, têm publicado interessantes comentários, fruto de suas pesquisas, sobre a utilização de portfólios nas escolas americanas. Wilcox (1993) afirma que é crescente o uso de portfólios, e os professores têm questionado bastante sobre os mesmos. Daí, por que a

² Introdução ao ensino da leitura na escola elementar

autora arrola alguns propósitos para esse novo instrumento: permitir ao estudante documentar sua história; desenvolver o elo existente entre escola e famílias; capacitar os alunos a assumir sua aprendizagem escolar e a propor metas para sua futura aprendizagem; servir de incentivo para o florescimento da criatividade, além de importante ferramenta para avaliação escolar. A fala de uma professora é evidenciada através da pesquisadora Kearns (1994): “Estou conhecendo, através de portfólios, quem são meus alunos e como eles se percebem. Estou fascinada com a precisão das avaliações feitas por eles. Nós começamos realmente a ser uma classe de leitores”. Hansen (1994), também dá seu depoimento: “Para que a literatura se desenvolva, os estudantes precisam conhecer seus colegas e desenvolver um bom relacionamento com eles. A literatura nos oferece um lugar entre as pessoas, um sentido de quem nós somos e quem poderemos ser”.

Após as exposições sobre nosso objeto de estudo, encontramos em Machado, 1998, uma definição, com base em pressupostos bakhtinianos, do que ela chama de Diário de Leitura e, que por analogia, utilizaremos para melhor compreender o que é portfólio:

“Numa primeira acepção, o termo pode referir-se a um portador de texto específico, o caderno diário, que contém um conjunto de textos que se escreve periodicamente, ou cotidianamente, fora das instituições, da vida pública, abrangendo textos das mais variadas formas e conteúdos, que podem se basear em gêneros totalmente diferentes. Daí o fato de que possamos encontrar no que se rotula como “Diário de X”, tanto relatos do dia-a-dia, com referência direta à situação de comunicação, quanto poesias, ensaios críticos e outros tipos de textos que se distanciam dessa situação de comunicação”.

Visando o enriquecimento dessa definição aplicada ao portfólio, faz-se necessária a alteração da afirmativa *fora das instituições* para *fora e dentro das instituições*, já que temos como proposta a institucionalização do portfólio pela escola, por considerarmos a relevância das significações individuais e coletivas assumidas pelos alunos na construção de seus textos. Não podemos esquecer que a palavra é a base da vida interior do ser humano, de acordo com o pensamento de Bakhtin, e que o portfólio pode ser o espaço mediado pela escola para as múltiplas e diversas expressões humanas.

Como coleção de experiências que comunicam interesses e evidenciam talentos, o portfólio pode contar uma história, revelar interesses, contribuições, estudos ou sutis esforços ao ser compartilhados com todos que se interessam. Poderá conter listas de livros, reflexões sobre leituras, pensamentos, avaliações, comparações, cartas, fotos, artefatos, leituras, observações sobre escritores, temas específicos, poemas etc. Ele poderá ter como sua companheira uma caixa para colocar objetos que sejam relevantes em signifi-

cados individuais. Contribui, assim socialmente para o aprendizado de todos que convivem no mesmo contexto. Reflete conhecimentos, mudanças e avanços dos sujeitos envolvidos nesse processo educacional.

Os portfólios se aplicam a diferentes situações. Assim, poderão ser voltados para os interesses da escola de Ensino Fundamental, Ensino Médio, Ensino Universitário, bancos, escritores, temas específicos, arquitetos e demais profissionais etc. Entretanto, o importante para compreendê-los é elaborá-los. Quem já teve o prazer de organizar um álbum de fotos com explicações sobre cada uma, depois o reviu e o mostrou aos amigos, já tem uma idéia de como fazer um portfólio, desde que desenvolva o prazer de significar a sua produção textual.

3-OBJETIVOS DO PORTFÓLIO

Concebendo que as ações são determinadas pelos fins ou propósitos a que se destinam, tentaremos agora delinear alguns objetivos para o portfólio escolar, visando à valorização do seu uso na escola. Fomos fortemente influenciada por Wilcox, acima referenciada, transformando os propósitos do portfólio por ela citados, em alguns dos objetivos delineados para o mesmo. Sendo assim, elaboramos algumas intenções que poderão servir de argumentação em prol do uso dessa ferramenta na educação brasileira. Vejamos.

a) Instituir um espaço para oportunizar a constituição das subjetividades, já que, aqui, os textos produzidos pelo aluno são semantizados por sua prática cotidiana. A produção de textos não é mais uma imposição do professor, mas uma opção de cada um dos sujeitos envolvidos no processo educacional. É o espaço dos questionamentos, da reflexão, do compartilhamento e da busca de conhecimento de si, do outro e do mundo. Daí porque o estudante que utiliza portfólio na sua aprendizagem desenvolve uma grande compreensão de si, do outro e, sobretudo, das diferenças individuais. Espaço este que é ocupado por uma nova concepção de leitura/escrita que evidencia a interação social na aprendizagem como um processo dinâmico de descobertas e de transformações, ao lado da teoria da recepção em que o leitor, de acordo com suas experiências, é quem dá sentido ao texto, libertando-o da obrigação de reconhecer idéias pré-estabelecidas ou tradicionalmente aceitas. Nesse sentido, alguns mecanismos desencadeados por ocasião da leitura/escrita, contribuem para a constituição das subjetividades. Pereira (1996) cita alguns desses mecanismos que externalizados e verbalizados através da utilização de portfólios, expõem o valor desse novo instrumento escolar.

“Um leitor pode identificar-se com um personagem ou com experiências específicas num livro e ser capaz de purificar-se de sentimentos ou pensamentos reprimidos. O leitor também pode ganhar com a leitura, tornando-se capaz de recuar e aceitar a reali-

dade mais prontamente. Ao ler e aprender que um problema não é único, o problema aparece menos amedrontador. O leitor pode conseguir um sentimento de universalidade, com a percepção de que não está sozinho com seus problemas no mundo e de que pode também ajudar a reduzir os sentimentos de inferioridade porventura existentes”.

b) Oferecer ao estudante a oportunidade de documentar sua história, pois o portfólio ensina a reflexão de docentes e discentes voltadas para a descoberta de quem eles são, do que eles necessitam e de como eles suprirão suas necessidades. São caminhos de desvendamento da realidade e de interação da comunidade escolar que facilitarão o desempenho tanto do professor quanto dos alunos, pois a socialização das problemáticas permite soluções mais consistentes. Machado (1998) citando, também, outros autores, diz que a concepção da produção diarista que nós estamos chamando de portfólio, é

“[...] como uma forma de acesso ao conhecimento de si, tanto quanto ao conhecimento em geral, encontra-se claramente expressa também em inúmeros trechos de diários de diferentes autores consagrados, como podemos ver nos exemplos abaixo:

[Escrever] É um meio de se aprofundar, de se interrogar, de se tocar no fundo de si mesmo, sobretudo de se tentar saber quem se é. (Morgenster, 1993, p.195). Escrever significa: ler-se a si mesmo (Frisch, apud Bloch, 1097, p.139). Depois, quando escrevo, vejo muito mais, compreendo melhor, desenvolvo e enriqueço (Ninn, 1966, p.11)”.

c) Diminuir a barreira existente entre a residência de cada aluno, a comunidade e a escola. Ao mesmo tempo em que essa barreira vai se desfazendo através de trocas de experiência com os pais e com outras pessoas fora do contexto escolar, alunos e professores vão se envolvendo com a comunidade, despontando uma consciência de cidadania. Nessa perspectiva encontramos apoio, ainda, em Machado, 1998, para reforçar a idéia de portfólio, também, como um instrumento de interação social. Confirmamos:

“[...] é também uma atividade social uma vez que o diarista explora tanto as idéias quanto o que os outros pensaram e expuseram. De acordo com esse pressuposto, o diário permitiria que os estudantes não só escrevessem e falassem sobre suas idéias, mas também que eles se tornassem membros de uma comunidade discursiva, escrevendo para essa comunidade, da qual seus professores e colegas também fazem parte”.

d) Capacitar o aluno a elaborar e concretizar metas para sua aprendizagem. Wilcox, 1993, conta que um aluno desenvolveu muito bem seu portfólio incluindo numerosos itens sobre sua casa, sua família e hobbies. Ele também abriu um espaço para ler e escrever sobre esse

portfólio. Um dia, no ano seguinte ao da sua elaboração, após revê-lo, sentou-se e resolveu escrever uma lista de metas para cumpri-las no ano em curso. Entre as metas ele incluiu que desejava aprender como usar aspas, ler livros mais difíceis e usar apóstrofes. A idéia desse aluno, de elaborar metas, espalhou-se como fogo entre os colegas, que passaram a elaborar as suas próprias, causando impacto à professora que, a partir deste ano, teve que aceitar os planos e as metas de aprendizagem de seus alunos. Acabou-se o autoritarismo do professor, forçando uma aprendizagem que muitas vezes não interessa ao discente. Os alunos mostraram-se mais responsáveis e interessados por seus respectivos estudos.

e) Preparar o estudante para assumir responsabilidades por sua aprendizagem, pois ele deve se sentir comprometido perante si e a comunidade. Quanto mais os alunos sabem o que querem mais demonstram ao elaborarem suas metas, e a aprendizagem torna-se mais interessante e responsável. Não há necessidade de cobranças do professor, mas sim de apoio e incentivo, pois o estudante sabe o que acrescentar aos estudos para seu desenvolvimento pessoal e se capacita a contribuir para a aprendizagem de seus colegas. A aprendizagem é compartilhada com todos e o conhecimento socializado.

f) Ser um elemento gerador de idéias porque a leitura/escrita abre um leque de novos e diferentes conhecimentos ajudando a desenvolver a criatividade. Na medida que o aluno lê e escreve o que lhe interessa, pois busca o que falta para sua aprendizagem, viaja através dos livros de literatura, está consciente de sua auto-aprendizagem, escreve suas observações e críticas, lê a de seus companheiros, faz comparações (escrever é uma releitura do que leu e das experiências pessoais), as idéias vão brotando e um mundo de conhecimentos se intercrusa.

g) Veicular subsídios para tornar o portfólio um importante elemento de avaliação. A elaboração de um portfólio já é, em si, uma aprendizagem que, acompanhada pelo professor, torna evidente os parâmetros de avaliação necessários: desenvolve a leitura e a escrita, a reflexão, o senso crítico, mostra o que foi apreendido e o que não foi etc.

A leitura de um portfólio expõe a caminhada percorrida, o crescimento, fraquezas e as vitórias de cada um. Se o professor acompanhou cada um de seus alunos na elaboração de seus portfólios, a avaliação já se realizou. É a aprendizagem significativa para a vida, para o cotidiano de cada discípulo e não um momento apreendido de algo que ele estudou e conseguiu reter para despejar no momento do teste ou da prova. Conceber o portfólio como instrumento de avaliação provoca uma transformação nos critérios de avaliação escolar, tradicionalmente desenvolvidos na escola, cuja preocupação é o julgamento das tarefas realizadas. A avaliação através dos portfólios é uma busca constante dos valores dos alunos para que eles se sintam, também, valorizados, pois as diferenças e os ritmos de cada um são respeitados.

4-REAFIRMANDO O PORTFÓLIO COMO INSTRUMENTO DE APRENDIZAGEM DA LEITURA-ESCRITA

Nas reflexões desenvolvidas para a compreensão do contexto sócio-educacional, tendo como foco central as transformações provocadas pelas novas tecnologias como lavas de vulcão jorradas no nosso cotidiano, procuramos demonstrar que o portfólio é um incandescente foco de fertilidade que podemos cultivar dentro da escola para demarcar o espaço territorial propício, visando transformar as experiências educacionais vivenciadas pelos alunos em um campo de significações de si e do contexto social em que estão inseridos. Apresentamos uma ferramenta, cujo objetivo é resgatar e exteriorizar a vida interior, compreender o outro, reconhecendo e aceitando as diferenças e, ao mesmo tempo, compartilhar as experiências com os companheiros, criando um espaço real de interlocução com professores e colegas facilitando o desenvolvimento do senso crítico e reflexivo dos alunos porque, como se refere Vygotsky (1995), “Não é simplesmente o conteúdo de uma palavra que se altera, mas o modo pelo qual a realidade é generalizada e refletida em uma palavra”.

Tradicionalmente, dava-se voz e vez ao professor que impunha a aprendizagem, agora, através do portfólio a voz é dada ao aluno que decide sobre sua aprendizagem, sendo o professor o elemento de mediação e de motivação. Leitura e escrita caminham paralelamente, como processos e não mais como produto final, passam a ser elementos imprescindíveis, porque importante, agora, não é a ortografia, mas a idéia, a produção de sentidos e de significados. Há um desvio da valorização da enunciação para a recepção, porquanto aquela passa a ser compreendida como um elemento de informações significativas para a construção de sujeitos e de conhecimentos, não mais a interpretação de verdades anteriormente postas. Encontramos no pensamento de Vygotsky, através de John-Steiner, 1994, uma excelente reflexão para encerrar a proposta de inserir o portfólio na escola, visando transformar as práticas educacionais.

“Muitos educadores reconhecendo que a velocidade de aprendizado pode variar de criança para criança, isolam os “aprendizes lentos” de seus professores e companheiros através do uso de instrução programada e muitas vezes mecanizada. Vygotsky, por outro lado, na medida em que vê o aprendizado como processo profundamente social, enfatiza o diálogo e as diversas funções da linguagem na instrução e no desenvolvimento cognitivo mediado. A simples exposição dos estudantes a novos materiais através de exposições orais não permite a orientação por adultos nem a colaboração de companheiros. [...] os conteúdos socialmente elaborados do conhecimento humano e as estratégias cognitivas necessárias para sua

internalização são evocados nos aprendizes segundo seus “níveis reais de desenvolvimento”. Vygotsky critica a intervenção educacional que se arrasta atrás dos processos psicológicos desenvolvidos ao invés de focalizar as capacidades e funções emergentes.”

Finalizando, compreendemos com Vygotsky que aquisição de linguagem (leitura e escrita) se processa através da interação social, ou seja, do compartilhamento das experiências entre professores, alunos e comunidade, tendo em vista a apreensão do contexto social em que eles estão inseridos, desprezando, assim, a aprendizagem mecânica do código lingüístico. Somamos a necessidade de utilização e prática constante do ler e do escrever através de experiências do cotidiano de cada um, o que contribuirá certamente para o êxito da aprendizagem.

O portfólio, como expusemos, privilegiando as reflexões sócio-interacionistas de Bakhtin e de Vygotsky, com relação à aprendizagem da linguagem escrita e oral, torna-se, assim, um elemento de busca de uma melhor qualidade para a educação brasileira.

5-REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, Mikhail.(1995) *Marxismo e filosofia da linguagem*. 7.ed. São Paulo: Hucitec.
- CARVALHO, Ana Maria Sá (2001) *Políticas de leitura e biblioteca escolar: um jogo de silêncios na educação cearense*. Fortaleza. Tese de doutorado.
- HANSEN, Jane. (1994) *Students as evaluators: students plan their literacy growth*. New Hampshire: University of New Hampshire. (Papers in Literacy, 5)
- JOHN-STEINER, Vera, SOUBERMAN, Ellen (1994) Posfácio. In: VYGOTSKY, L.S. *A formação social da mente: o desenvolvimento dos processos psicológicos superiores*. São Paulo: Martins Fontes.
- KEARNS, Jane (1994). *Potential and possibilities: how portfolios in one school district evolved*. New Hampshire: University of New Hampshire. (Papers in Literacy, 4)
- MACHADO, Anna Rachel (1998) *O diário de leituras: a introdução de um novo instrumento na escola*. São Paulo: Martins Fontes.
- PEREIRA, Marília M. Guedes (1996). *Biblioterapia: proposta de um programa de leitura para portadores de deficiência visual em bibliotecas públicas*. João Pessoa: Editora Universitária.
- VYGOTSKY, L.S. (1995) *Pensamento e linguagem*. São Paulo: Martins Fontes.
- WILCOX, Carol. (1993) *Portfolio: finding a focus*. New Hampshire: University of New Hampshire. (Papers in Literacy, 1).